Capítulo XXV — Imitadores do bom Ladrão no Oriente

> **Sumário.** Os sete ladrões de estrada na ilha de Chipre. — Convertidos por dois discípulos de são Paulo. Prisioneiros como eles. — Tornados gloriosos mártires. — Seus nomes. A grande cortesã de Antioquia. — Seu prestígio. — Seu luxo. — História detalhada de sua conversão. — Seu batismo. — Seu verdadeiro nome. — Sua penitência. — Sua morte. — No Egito, Davi, o bandoleiro e assassino. Subitamente convertido. — Tornado fervoroso solitário e taumaturgo. — Outro ladrão de estrada. — Solidamente convertido. — Santidade de sua vida. — Heroísmo de sua morte. — Conversão coletiva. Encorajamento ao século XIX. — Os ninivitas. — O que eram. — Extensão e magnificência de sua cidade, reconhecidas pela recente descoberta de suas ruínas.

Digamos adeus à Europa e voltemos aos lugares onde a nossa viagem começou. De passagem, penetremos nas prisões da ilha de Chipre. Vede no fundo dessa masmorra dois ilustres discípulos de são Paulo, Jasão e Sosípatro, prisioneiros de Jesus Cristo. Em torno deles estão sete ladrões de estrada, que a guarda romana acaba de prender nas montanhas. Quereis conhecer os seus nomes? São dignos de ser revelados; pois estão escritos, não mais nos anais do crime, mas nos fastos da glória. Esses homens chamam-se: Faustino, Jascícolo, Saturnino, Januário, Marsálio, Eufrásio e Mâmio. Imitadores do bom Ladrão em sua vida de banditismo, vamos vê-los tornar-se imitadores de sua conversão.

Animados do espírito do Salvador, é próprio dos santos ter piedade dos pecadores e, pode-se dizê-lo, piedade em proporção de sua miséria moral. Jasão e Sosípatro estão acorrentados, mas a palavra de Deus não o está. Dirigem-na a seus novos companheiros. É escutada, compreendida, amada. Os novos Dimas pedem o batismo, recebem-no e logo morrem com os seus evangelizadores, não como ladrões, mas como mártires. Todos os anos, a 29 de abril, a Igreja consagra em seu Martirológio esse novo triunfo da misericórdia.[1]

Eis-nos de volta a Antioquia, capital da Síria. Uma conversão não menos miraculosa nos espera ali. Deixemos a uma testemunha ocular o cuidado de narrar-lhe os pormenores. Vários bispos estavam reunidos em Antioquia para um assunto importante; entre eles estava Nono, meu santíssimo bispo. Era um homem admirável que vivera como perfeito solitário no mosteiro de Tabena. Estando os prelados sentados diante da porta do templo, pediram a Nono, meu santo pastor, que lhes fizesse algum discurso espiritual.

Ia ele atender aos seus votos, quando vimos passar a cavalo, diante de nós, a mais famosa de todas as comediantes de Antioquia, com tão grande pompa e tão ricamente adornada que não se via senão ouro, pérolas e pedras preciosas; pois, não se contentando com que as suas vestes fossem enriquecidas, até os seus borzeguins estavam cobertos delas. Era acompanhada de grandíssimo número de rapazes e moças magnificamente vestidos, dos quais uns marchavam diante dela e outros a seguiam.

Sua beleza era tão grande que os homens do século não se podiam cansar de olhá-la; e, embora apenas passasse, todo o ar se encheu dos excelentes odores de que estava perfumada. Todos os bispos, ao vê-la andar com tal aparato, sem ter sequer um véu na cabeça nem sobre os ombros, que estavam todos nus, e com uma postura tão pouco modesta, gemeram em seu coração sem dizer palavra e desviaram os olhos dela como de um grande pecado.

Mas o bem-aventurado bispo Nono a considerou por longo tempo. Depois, quando ela passou, voltando-se para os bispos sentados ao seu redor, disse-lhes: *«Não tivestes grande prazer em ver a extrema beleza dessa mulher?»* Como nenhum deles respondesse, pôs a cabeça sobre os joelhos e, todo banhado em lágrimas, repetiu aos bispos: *«Não tivestes grande prazer em ver a extrema beleza dessa mulher?»*

Guardando eles silêncio, acrescentou:

> *E eu tive nisso grandíssimo prazer, porque Deus a porá um dia diante de seu trono temível, para servir-se dela para nos julgar. Pois, quantas horas credes, meus caros irmãos, que ela empregou em enfeitar-se para agradar ao mundo? E nós, que cuidado temos em purificar as nossas almas e adorná-las para agradar a Deus?*

Tendo assim falado, tomou-me pela mão e, chegado à sua morada onde eu tinha uma cela, entrou em sua câmara, prostrou-se por terra e dizia, batendo no peito:

> *Jesus Cristo, meu Senhor e meu Mestre, tende piedade de mim, pobre pecador, que em toda a minha vida não tive tanto cuidado em adornar a minha alma quanto essa cortesã teve num dia em adornar o seu corpo.*

No dia seguinte, que era domingo, todos os bispos assistiram à missa solene. Depois do Evangelho, o arcebispo de Antioquia, tomando o livro do Evangelho, apresentou-o ao bem-aventurado Nono e rogou-lhe que instruísse o povo. Então, tomando a palavra, fez um discurso cheio dessa sabedoria divina que estava nele e que nada tinha de afetado, de sutil nem de supérfluo. Por palavras simples e sem força representou tão vivamente o juízo final que todos os ouvintes ficaram extraordinariamente tocados.

A Providência quis que a cortesã de quem falei se achasse presente. Nunca tivera o menor sentimento de seus pecados; mas o temor de Deus fez tal impressão em seu coração que começou a soltar grandes suspiros e a derramar ribeiros de pranto, sem que estivesse em seu poder retê-los. Ao sair, disse a dois de seus criados:

> *Ficai aqui e, quando o santo bispo Nono sair da igreja, segui-o para saber onde mora e vinde dizer-mo.*

Seus criados nos seguiram até a nossa morada.

A cortesã, conhecendo-o, enviou logo por eles ao santo bispo umas tabuinhas em que estavam escritas estas palavras:

> *Ao santo discípulo de Jesus Cristo, uma pobre pecadora, discípula do demônio. Soube que o Deus que adorais desceu do céu à terra, não por amor dos justos, mas para salvar os criminosos. Tendo sabido, pelo relato dos cristãos, qual é a vossa santidade e o longo tempo que servis tão bom Mestre, conjuro-vos a testemunhar que sois seu verdadeiro discípulo, não desprezando o desejo extremo que tenho de aproximar-me dele.*

O santo bispo lhe respondeu que Deus conhecia as suas disposições e que, se eram sinceras, podia vir vê-lo; que a receberia em presença dos outros bispos e não de outro modo. Essa carta a encheu de tal alegria que, depois de a ter lido e relido, veio com toda a pressa ter conosco em nossa morada.

O bem-aventurado Nono reuniu logo os bispos e mandou que a fizessem vir. Entrando, lançou-se a seus pés e lhe disse, abraçando-os:

> *Conjuro-vos a imitar Jesus Cristo, vosso Mestre, fazendo-me sentir os efeitos de vossa bondade. Fazei-me cristã, pois sou um abismo de pecados e um golfo de toda sorte de iniquidades. Peço-vos o batismo.*

> *Os santos cânones — respondeu-lhe o santo — proíbem batizar uma cortesã, a menos que apresente pessoas respeitáveis que respondam por que não recairá nos mesmos pecados.*

A essas palavras, ela abraçou com mais força os pés do santo, regou-os com suas lágrimas, enxugou-os com seus cabelos.

Depois, disse-lhe:

> *Se demorais em batizar-me, embora maculada de tantos pecados, atribuir-vos-ei todos os que eu puder cometer no futuro, e prestareis contas a Deus de minha alma. Se não me ofereceis hoje à sua misericórdia, desejo que o renegueis e adoreis os ídolos.*

Todos os bispos e os eclesiásticos, ouvindo tão grande pecadora falar dessa maneira, pediram com instância que a batizassem. Então o santo bispo lhe disse: *«Como te chamas?»* Ela respondeu:

> *Meu nome verdadeiro é Pelágia; mas todos os habitantes de Antioquia me chamam Pérola, por causa da grande quantidade de pérolas e de outros adornos de que me achei enriquecida por meus pecados; pois eu era como a loja mais enfeitada e mais magnífica que o demônio tinha.*

Pelágia, tendo recebido o batismo, voltou para casa e enviou ao meu santo bispo tudo o que tinha de vestes, prata, ouro e pedrarias, para que dispusesse como entendesse.

No oitavo dia depois do batismo, levantou-se secretamente à noite, revestiu-se de um cilício e de um mau manto que o bem-aventurado bispo lhe dera, deixou Antioquia para nunca mais voltar e foi encerrar-se numa cela, perto de Jerusalém, no monte das Oliveiras, não longe do lugar onde Nosso Senhor fizera a sua oração. Ali ficou cerca de quatro anos, completamente separada do mundo, e morreu enfim da morte dos predestinados.[2]

Tal foi a conversão dessa mulher cuja salvação parecia desesperada. Ilustre entre todas as penitentes, santa Pelágia, obtende às que tiverem tido a desgraça de imitar-vos em vossos desvios a graça de se tornarem elas mesmas monumentos da infinita misericórdia de Deus. Por outro gênero de pecadores, dirijamos a mesma prece aos gloriosos convertidos cuja história vamos contar.

No século VI vivia, não longe da cidade de Hermópolis, no Egito, um célebre ladrão chamado Davi. Espreitando sem cessar os viajantes, despojava uns, matava outros e se maculava de tantos outros crimes que ninguém lhe era comparável em crueldade. Um dia, ao cometer um roubo audacioso, à frente de seu bando, composto de mais de trinta bandoleiros, foi de súbito tocado de tão grande arrependimento que abandonou os companheiros e se dirigiu ao mosteiro mais próximo.

Tendo batido à porta, o porteiro lhe perguntou o que queria. *«Quero ser solitário — respondeu o ladrão.»* O porteiro foi avisar o abade, que desceu logo. Vendo esse homem já avançado em idade,

o venerável abade lhe disse:

> *Não podeis ficar aqui; nossas austeridades são tão grandes que não as podereis suportar.*

> *Meu Pai — respondeu o ladrão —, recebei-me somente, eu vos conjuro; não há nada que eu não faça.*

Continuando o abade a recusá-lo, sempre pela mesma razão:

> *Pois bem — retomou o ladrão —, declaro-vos, meu Pai, que sou Davi, o chefe dos bandoleiros, que venho aqui para chorar os meus pecados; e protesto-vos, pelo Deus que habita no céu, que, se recusais receber-me e eu voltar à minha primeira vida, respondereis diante dele por todos os crimes que eu cometer.*

O abade, ouvindo-o falar dessa maneira, fê-lo entrar, cortou-lhe os cabelos e deu-lhe o hábito de solitário.

Esse jovem e velho soldado ao mesmo tempo começou desde logo a combater com tanta coragem na milícia espiritual que logo superou os outros solitários, embora fossem em número de setenta. A obediência, a humildade, a abstinência do novo Dimas eram para todos um motivo contínuo de edificação. Um dia em que Davi estava sentado em sua cela, um anjo lhe apareceu e disse: *«Davi, Deus vos perdoou todos os pecados.» —*

> *O número de meus pecados — responde Davi — supera o das areias do mar; não posso crer que Deus mos tenha perdoado em tão pouco tempo.*

O anjo retoma:

> *Por ter-se recusado a crer que teria um filho, Zacarias foi privado do uso da palavra; vós mesmo sereis dele privado em castigo de vossa incredulidade.*

Davi, caindo com o rosto por terra, lhe diz:

> *Quando passava a minha vida a derramar sangue humano e a cometer tantos outros crimes, tinha o livre uso da palavra, e vós quereríeis tirar-mo agora que desejo servir a Deus e publicar os louvores de sua misericórdia?*

—

> *Quando for preciso cantar os louvores de Deus — responde o celeste enviado —, tereis a palavra livre. Fora disso, não estará em vosso poder proferir uma só palavra.*

Assim se deu. O humilde Davi continuou a viver santamente, operou milagres e morreu como o seu glorioso modelo, o bem-aventurado Dimas.[3]

A esse traço que, revelando-nos a rapidez e a plenitude da misericórdia divina, é tão próprio a banir as inquietações do coração dos pecadores verdadeiramente penitentes, junta-se outro em que o heroísmo do arrependimento se eleva até o sublime.

Um grande ladrão, tocado da graça, veio ter com o abade Zózimo da Cilícia. Rogou-lhe, em nome de Deus, que o recebesse em seu mosteiro, a fim de impedi-lo de cometer os assassínios e os outros crimes de que fizera longo hábito. Depois de lhe ter dirigido grande exortação, o bom ancião o recebeu e deu-lhe o santo hábito de solitário.

Algum tempo depois, disse-lhe:

> *Crede-me, meu filho, não fiqueis mais tempo entre nós. Se a justiça soubesse onde estais, mandaria prender-vos. Mas vinde comigo, conduzir-vos-ei ao mosteiro do abade Doroteu, que fica entre Gaza e Maiuma.*

Com isso, o venerável superior, tomando-o pela mão, conduziu-o ao mosteiro do abade Doroteu. Ali ficou nove anos. Cheio de fervor, edificou todos os religiosos pela prática constante da regra. Aprendeu todo o Saltério e todas as outras coisas que era preciso saber na vida religiosa. No fim do nono ano veio ter com o abade Zózimo e lhe disse:

> *Meu pai, peço-vos que me permitais deixar este hábito que me destes e retomar o que eu tinha quando vim aqui.*

Essas palavras tendo afligido muito o santo ancião, perguntou-lhe a causa de tal mudança, e ele respondeu:

> *Passei nove anos em grande repouso no mosteiro aonde vos aprouve conduzir-me, jejuando quanto pude, vivendo na continência, na obediência e no temor de Deus: o que me dá motivo de esperar que, por sua misericórdia infinita, o Senhor me perdoou muitos pecados. Contudo, quer eu vele ou durma, esteja na igreja ou no refeitório, ou mesmo vá comungar, vejo por toda parte, diante dos meus olhos, um menino que matei outrora. Sem cessar me diz: Por que molhaste as tuas mãos em meu sangue? e não me dá um só momento de repouso. Por isso, meu Pai, quero ir-me, a fim de expiar por minha morte tão grande crime, pois o matei sem motivo algum.*

Depois dessas palavras, retomou os seus hábitos e dirigiu-se a Diópolis. No mesmo dia foi preso no caminho e, no dia seguinte, teve a cabeça cortada.[4]

As conversões que acabamos de citar, e outras que se poderiam juntar a elas, são conversões individuais, boas para encorajar tais ou tais pecadores em particular. Mas, a fim de determinar o nosso século mesmo a converter-se, resta mostrar-lhe a conversão súbita de todo um povo.

Provando-lhe que nada é impossível à misericórdia de Deus, tal exemplo responderá a todas as objeções de seu espírito e de seu coração. O desânimo cederá lugar à confiança, a estúpida indiferença ao arrependimento; e o grande filho pródigo dirá: *«Levantar-me-hei, e irei buscar a meu pai.»* Morrer depois de ter ouvido essa palavra seria morrer de felicidade.

Ora, no antigo Oriente existia um império famoso por seu poder, suas riquezas, seu luxo, sua colossal idolatria e todos os vícios que são a consequência inevitável do sensualismo e do culto dos demônios. A capital desse império, sobretudo, distinguia-se pela devassidão de seus milhões de habitantes.

É de experiência que os grandes centros de população foram sempre, e ainda são, focos de corrupção física e moral. Qual devia ser a desmoralização da cidade de que queremos falar? No recinto de seus muros, altos de cem pés, bastante largos para permitir a três carros de frente correr por cima deles, e flanqueados de mil e quinhentas torres altas de duzentos pés, Nínive encerrava a população de todo um reino.[5] Três dias de marcha mal bastavam para atravessá-la.[6]

No meio do tumulto dessa grande cidade, ébria de volúpias e maculada de abominações, cujo grito vingador subiu até o céu, ressoa de repente a voz de um homem desconhecido. Esse homem é um profeta e a sua voz dizia: *«D'aqui a quarenta dias será Ninive subvertida.»*

A essa ameaça, confirmada por milagres, o rei, o primeiro, entra em si mesmo. Desce do trono e humilha-se; todo o seu povo o imita. A dissipada, a orgulhosa, a esplêndida, a voluptuosa Nínive cobre-se de cinza e de cilício. Jejua, ora, chora, arrepende-se: está salva.

O exemplo de Nínive é um ensinamento imortal, deixado às nações culpadas. Se lhes mostra com que extrema facilidade Deus lhes abre os braços paternais, indica-lhes também o único meio de obter misericórdia. Para os povos, como para os indivíduos, o arrependimento é a primeira lei do

perdão.

Em vez de obstinar-se na revolta e de correr loucamente à procura de meios impossíveis para sair do beco sem saída em que se lançou, que o Século Dezenove volte, pois, os olhos para Nínive e para o bom Ladrão, dois grandes culpados tão prontamente convertidos e tão felizes com a sua conversão!

À maneira do rei de Nínive, que os reis da Europa entrem em si mesmos e deplorem as suas iniquidades; que os povos imitem os reis; que de todos os peitos se eleve este grito salvador: *«Erramos o caminho: Ergo erravimus»*; e todas as questões sociais ficam no mesmo instante resolvidas. A sociedade abalada reassenta-se sobre as suas bases, a Revolução está vencida; e, tanto quanto o permitem as condições da vida presente, a paz desceu sobre a terra.

Arrepender-se ou perecer: tal é a alternativa a que o Século Dezenove não pode mais escapar. Em vez de escolher a morte, por que não escolheria a vida? Nem o número nem a enormidade de suas faltas devem assustá-lo.

> *Quando se veem — diz um Padre da Igreja — as portas do céu abrirem-se de par em par diante de um ladrão de estrada, quem poderia desesperar!*[7]

> *Toma, pois, coragem e saibas querer — dir-lhe-emos com a Boca de ouro do Oriente. O mal não é da essência de tua natureza: dotado de livre-arbítrio, podes vencê-lo. Sem dúvida, as tuas iniquidades são grandes. És um século do dinheiro:*[8] *podes tornar-te evangelista. És um século de blasfêmias: podes tornar-te apóstolo. És um século de roubos e rapinas: podes roubar o céu. És um século de práticas demoníacas: podes adorar o verdadeiro Deus. Não há cadeias que não possam ser rompidas, não há crimes que a penitência não apague. Ao morrer, o Redentor do mundo escolheu, para convertê-lo, tudo o que há de mais culpado, a fim de não deixar, até o fim dos séculos, nenhum subterfúgio ao desânimo. Foi assim que se despediu de ti.*[9]

Notas

[1] *Martyrol. Rom.*, 29 de abril.

[2] Sua vida, escrita por Tiago, diácono, nas *Vidas dos Padres do deserto*, t. I, p. 566 e segs.

[3] João Mosco, cap. XXXVI.

[4] João Mosco, cap. XLVI.

[5] *Murus ad C. pedum altitudinem exsurgebat, et ad trium latitudinem curruum junctim agitandorum porrectus erat. Turres in eo MD ducentos pedes altæ.* («O muro erguia-se à altura de cem pés e estendia-se a uma largura de três carros conduzidos lado a lado. Havia nele mil e quinhentas torres, de duzentos pés de altura.») Diodoro Sículo, *Hist.*, liv. II, § 3.

[6] *Ninive erat civitas magna itinere trium dierum.* («e Ninive era huma cidade grande, que erão necessarios para se andar tres dias de caminho.») Jon 3, 3. — Vinte léguas de diâmetro e cerca de sessenta léguas de circunferência: tal era a extensão de Nínive. Admitindo, o que é verdade, que a distância percorrida por um viajante é, em média, de seis a sete léguas por dia, a expressão da Escritura é de rigorosa exatidão. Ora, que tal fosse a dimensão de Nínive, um autor pagão, Diodoro Sículo, o diz expressamente: *Latus utrinque longius ad CL stadia excurrit; reliqua duo minora XC obtinent; ambitus igitur totus stadiis CCCCLXXX constat.* («O lado mais longo se estende a 150 estádios de cada parte; os outros dois, menores, têm 90; o perímetro total, portanto, é de 480 estádios.») Liv. II, cap. I. As atuais ruínas de Nínive, descobertas há alguns anos, o dizem melhor ainda. Segundo o relato do Sr. Layard, membro da Câmara dos Comuns da Inglaterra, que passou vários anos estudando no local as ruínas de Nínive, o perímetro da famosa cidade corresponde exatamente ao cálculo dos livros santos. *Descoberta de Nínive*, trad. italiana do conde Malvasia, p. 310, etc. Bolonha, 1855. Ver também Cornélio a Lápide, *in Joan.*, III, 3.

[7] *Nemo est qui possit excludi, quando receptus est latro.* («Não há quem possa ser excluído, quando foi recebido um ladrão.») S. Ambrósio, *in ps.* XXXI.

[8] N. do T.: O texto francês diz *siècle d'argent*; corresponde ao *Publicanus es* do latim da nota seguinte (o publicano, símbolo da ganância).

[9] *Nemo itaque, dilecti, de sua salute desperet. Non enim improbitas malum est a natura insitum, libero arbitrio et libertate decorati sumus. Publicanus es? Potes fieri evangelista. Blasphemus? Potes apostolus esse. Latro es? Potes deprædari paradisum. Magus es? Potes adorare Dominum. Non est vitium ullum, quod non pœnitentia solvatur. Idcirco Christus nequitiæ culmina delegit, ut in fine nullum subterfugium relinquat.* («Que ninguém, pois, amados, desespere de sua salvação. Com efeito, a malícia não é um mal ínsito na natureza; fomos adornados de livre-arbítrio e de liberdade. És publicano? Podes tornar-te evangelista. Blasfemo? Podes ser apóstolo. És ladrão? Podes saquear o paraíso. És mago? Podes adorar o Senhor. Não há vício algum que a penitência não resolva. Por isso Cristo escolheu os píncaros da maldade, para no fim não deixar subterfúgio algum.») S. Crisóstomo, *De Chananæa*, n.º 2, *Opp.*, t. III, 518.

Revision #1
Created 25 November 2026 00:40:25 by Admin
Updated 25 November 2026 00:40:25 by Admin